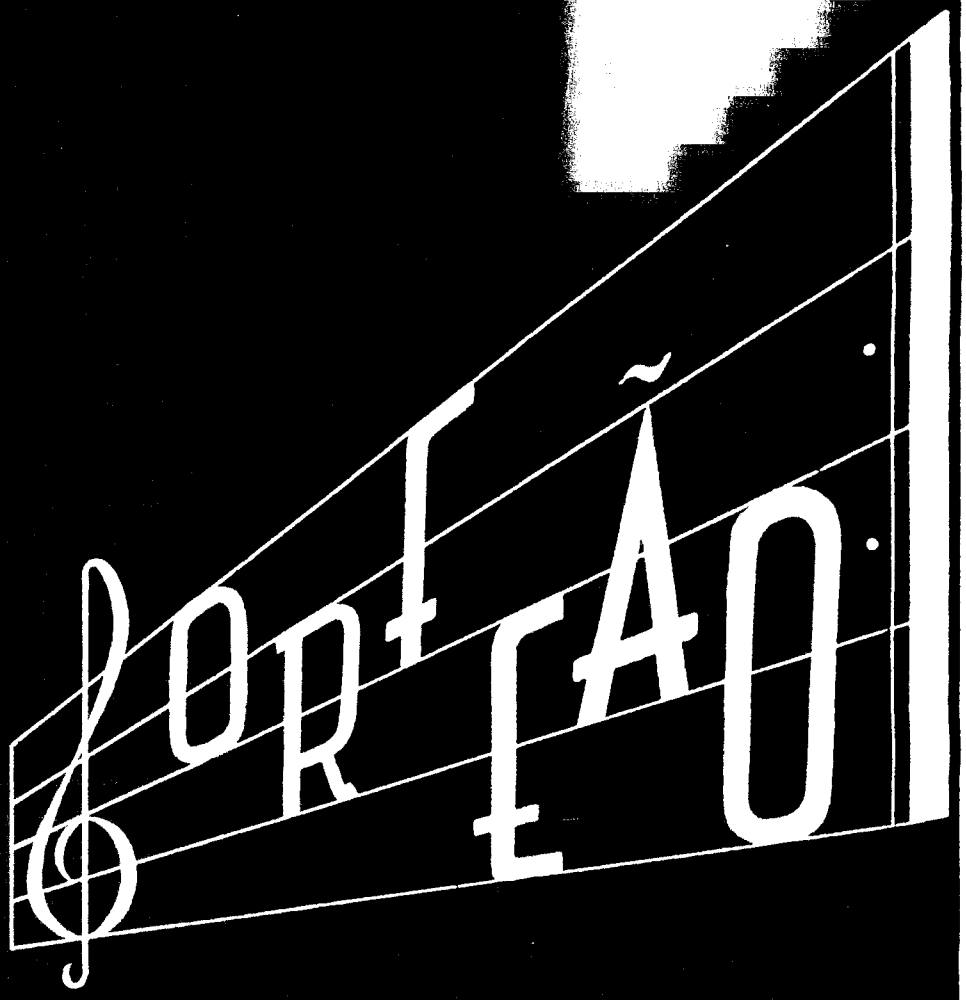
ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO



ORFEÃO ANO I JANEIRO DE 1963 N.º 2

PUBLICAÇÃO MENSAL DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Mario Alexandre Macedo

DIRECTOR E EDITOR

JAIME ANTÓNIO SANTOS COUTINHO LANHOSO

REDACÇÃO

GABRIEL XAVIER LOPES DA SILVA LEITE
SEBASTIÃO DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA CARNEIRO
ALFREDO JORGE DE CASTRO GIRÃO OSÓRIO

ADMINISTRAÇÃO

MARIA ESMERALDA NEVES GRAÇA
RUI ESTEVÃO VASCONCELOS BESSA
RUI DE MEIRELES VIEIRA DE CASTRO
NELSON MACHADO DURÃO

ASSINATURA

1 ano (6 números) — Continente e Ilhas	10$00
1 ano (6 números) — Ultramar	15$00
Venda avulso	2$50

Sumário

	Pág.
Editorial	3
Debussy e o nascimento do impressionismo	3
Como voa um helicóptero	4 e 5
O significado da digressão a Angola	6
Lobito e Benguela	7
Organismos Circum-Escolares	8
O Merengue	9
Antigos orfeonistas em Angola	9
Destinos da pintura	10
Dos mais castiços de todos	11 e 12
A universitária e o desporto	12
Nova Lisboa - Sá da Bandeira em autocarro	13
Uma noite em Sá da Bandeira	14
Convivência + Amizade = Orfeão	15
Palavras Cruzadas	16
Secção de Xadrez	16
Pausa	17
O que disseram os jornais	18

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. MARCA — RUA DO BONJARDIM, 689 — PORTO

EDITORIAL

O primeiro número da revista «ORFEÃO» foi objecto das mais variadas críticas dentro e fora do meio orfeónico. Uns, louvando a remodelação efectuada, destacam principalmente a «excelente» apresentação gráfica; outros, apontando o reduzido interesse do conteúdo apresentado e considerando utópica a intenção de transformar o anterior jornal numa revista mensal, classificam-nos de «visionários».

A todos agradecemos as referências. As críticas, desde que leal e construtivamente postas, serão sempre bem recebidas.

Aos que apontam a pobreza dos textos publicados nós pedimos que colaborem, contribuindo assim para uma melhoria de nível. A Revista «ORFEÃO» está aberta à colaboração de todos os universitários.

Àqueles que apresentam, como óbice à sua colaboração, o facto da Revista ser propriedade do O. U. P. nós esclarecemos não pretender evitar a formação de uma Imprensa da U. P. fora do Orfeão nem sequer representá-la. Procuramos, apenas, amenizar a falta que se verifica na nossa Imprensa Universitária.

Quando, outros mais capazes nos substituírem com um jornal de todos os universitários do Porto, de bom grado, «ORFEÃO» voltará a ser o que foi de início — apenas o Boletim do Orfeão Universitário do Porto. Até lá, a Revista «ORFEÃO», sem deixar de conter o espírito de boletim a que principalmente se destina, estará à vossa disposição.

S. C.

Debussy

E O NASCIMENTO DO IMPRESSIONISMO

POSSIVELMENTE, o que exerceu maior influência na arte de Debussy e que levou o compositor a enveredar por caminhos até aí inexplorados, foi a música extremo-oriental.

Debussy achou-a durante a Exposição de Paris de 1889 duma irresistível fascinação — subtil no ritmo, estranha na sonoridade, música que no seu primitivismo a um tempo puro e requintado, diferia radicalmente da arte tradicionalmente europeia. Foi desta música exótica, a par de um sentido genial e de um anseio de libertação dos moldes já esgotados pelo Romantismo, que nasceu a obra de Debussy e a sua escola.

Em Debussy, a delicadeza, a magia, a sua liberdade formal, a variedade e flexibilidade dos seus ritmos, o emprego da escala por tons inteiros, desconcertou a princípio alguns dos seus mestres acarretando dos escolasticistas uma reacção ainda mais violenta. Nestes, a novidade duma composição clássica na sua essência, mas, na sua elaboração, fugindo aos moldes convencionais, provocou-lhes uma irritação, censurando o autor pelas suas tendências «impressionistas».

É importante e curioso notar o alcance de uma expressão que, empregue de início com intenções pejorativas, ficou contudo vinculada à arte de Debussy como particularmente definidora da sua estética.

Assinalando nas suas primeiras e mais pessoais obras a vagueza da expressão, o esbatido dos contornos, a técnica descontínua da elaboração, que tão flagrantemente se opunha ao tematismo clássico, os opositores do jovem músico, querendo significar que uma arte assim concebida fugia aos imperativos da forma e soçobraria irremediàvelmente na anarquia e no arbitrário, não acharam melhor termo para o classificar e apoucar do que o termo «impressionista» assimilando-o assim às experiências da decomposição da luz praticada pelos pintores designados pelo mesmo termo (Monet, Renoir, etc.) os quais na altura não eram muito acreditados no meio académico!

É contudo falso imaginar a criação debussysta tributária de uma estética de «mancha sonora» ou do simbolismo literário que na altura decorria, desconhecendo quanto nela existe, sobretudo no período de perfeita maturidade artística, de rigor construtivo, de lógica dedutiva, de nitidez de plano, de acabado e consistente na forma.

Mas é curioso notar que Debussy escreveu música de carácter nìtidamente anti-impressionista e como exemplo mais flagrante a suite Ibéria em que ele é mais espanhol que muitos dos compositores espanhóis. Mas foi mais longe ao introduzir ritmo de «jazz» em algumas das suas peças, sendo esta última característica nìtidamente observável na peça para piano «Golliwogg's Cake Wolk».

Não admira portanto que um Stravinsky, um Bartok, um Falha, um Milhand tivessem extraído muito da obra de Debussy e continuassem a desenvolver tendências que este já tinha sentido e que não pode explorar em virtude da sua morte prematura.

Em resumo, podemos dizer que em Debussy há a considerar, em primeiro lugar, o seu excepcional papel como genial renovador da linguagem harmónica, graças a novas concepções na formação e encadeamento de acordes, alargamento desses princípios, a concepção da dissonância como elemento primordial da expressão e de colorido e como tal, não sujeita em princípio a resoluções obrigatórias.

Em segundo lugar, o *ritmo* teve nele, como já dissemos, um descobridor único e, neste sentido, a sua obra foi de capital importância como verdadeiro ponto de partida das modernas explorações neste capítulo.

GABRIEL

Como voa um Helicóptero

POR ALBERTO C.

AO formularmos esta pergunta tocamos num assunto para a maioria desconhecido. E por assim o crermos, nos propusemos dar uma resposta o mais completa possível, e de maneira menos fastidiosa, pelos meios ao nosso alcance.

Para os menos interessados parecerá uma exposição assaz longa. A alguns surgirá como supérflua ou incompleta. Mas não é para nenhuns destes que escrevemos. Dirigimo-nos aos outros, e apenas a eles.

Para se conhecerem bem os pormenores do helicóptero sob qualquer ângulo, seja ele o da pilotagem, o das suas possibilidades ou o da sua utilização, torna-se aconselhável a compreensão do mecanismo de voo. No que se seguirá procuraremos dar uma explicação sem fazer uso de noções complicadas, mas apenas das que a todos são acessíveis.

Mas antes de prosseguirmos, uma pausa para darmos a etimologia da palavra: Helicóptero é formada de dois vocábulos que nos vieram do grego, a saber: helix, hélice e pteron, asa. Aparelho aerostático com hélice de eixo vertical, segundo os dicionários.

Para darmos alguma ordem à nossa descrição, dividimos este tema em cinco fases. São elas: Sustentação, Translacção, Pilotagem, Estabilidade, Autorrotação.

1. SUSTENTAÇÃO

Nos helicópteros, a asa que no avião é fixa relativamente ao avião, é aqui substituída por uma asa rotativa, chamada rotor de sustentação, ou apenas rotor. Na física nos ensinaram que a sustentação de uma asa dependia da sua incidência, ou seja, do ângulo segundo o qual ela é atacada pelos filetes de ar, e mais ainda que ela era proporcional ao quadrado da velocidade do ar. Para uma velocidade tripla, a sustentação é nove vezes maior.

Como a asa do avião tem a mesma velocidade da fuselagem, torna-se necessário que o avião atinja uma certa velocidade para que a sustentação da asa possa vencer o peso. Por sua vez, para o helicóptero, a sustentação da asa rotativa está relacionada com a velocidade de rotação da própria asa.

A sustentação pode portanto ultrapassar o peso, mesmo até para uma velocidade nula da fuselagem: é o princípio do voo vertical.

Compara-se muitas vezes o rotor a uma hélice: ambos produzem com efeito um impulso dirigido segundo o eixo de rotação, cavando o ar e arremessando-o com uma certa velocidade em sentido oposto ao do impulso. Aqui termina a comparação. Se o helicóptero se destinasse apenas ao voo imóvel, como por exemplo o dum aparelho cativo com vento rigorosamente nulo, poderia utilizar uma hélice cujo eixo fosse vertical. Mas o helicóptero é fundamentalmente um aparelho de transporte destinado a deslocar-se horizontalmente numa direcção perpendicular à do eixo do rotor, enquanto que uma hélice de avião se desloca numa direcção paralela ao seu eixo de rotação.

É a chave da diferença entre um rotor e uma hélice, diferença da qual derivam todas as particularidades do helicóptero.

As pás de um helicóptero têm secções com perfil de asa, e quando giram, cada uma desenvolve uma sustentação porporcional ao quadrado da velocidade do ar.

Consideremos um rotor constituído, por exemplo, por duas pás P_1 e P_2 (fig. 1). O sentido de rotação está indicado pela seta R e o sentido de translacção pela seta T. No plano do rotor podemos distinguir duas zonas separadas pela paralela XX à direcção de translacção e passando pelo centro O do rotor. Na zona da direita, aonde R e T têm o mesmo sentido, a velocidade de rotação e a velocidade de translacção somam-se, enquanto que na zona da esquerda a velocidade de translacção contraria a velocidade de rotação. A sustentação S é portanto maior na zona da direita que na zona da esquerda, e tanto maior será a diferença quanto maior for a velocidade de translacção. — Não esquecer que a sustentação é proporcional ao quadrado da velocidade.

Portanto, se o rotor de um helicóptero fosse constituído como uma hélice clássica, com as pás encastradas no cubo, a diferença de sustentação nas duas zonas consideradas tenderia a fazer baloiçar o rotor, e, por conseguinte, o helicóptero, para a esquerda até acabar por virá-lo. Foi esta a dificuldade que malogrou os primeiros autogiros de La Cierva, antes que este genial inventor lhes aplicasse o princípio das «charneiras de pulsação» ou «batimento».

À primeira vista, o processo de remediar este inconveniente seria dispor não de um rotor, mas de dois, coaxiais ou lado a lado, sobre uma linha perpendicular ao sentido de marcha, e rodando em sentidos inversos: os binários de viragem anular-se-iam. Contudo esta anulação dos esforços, interiormente à estrutura, aumentaria a fadiga desta, em particular a fadiga das uniões das pás. Preferiu-se uma solução muito mais vantajosa.

Esta solução consiste em substituir o encastramento das pás no cubo por uma articulação ou charneira A, cujo eixo é perpendicular ao eixo de rotação e a que geralmente se chama charneira ou articulação de baloiço ou de pulsação, visto que a pá é livre

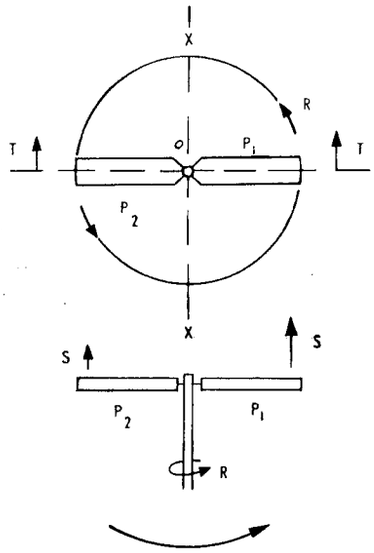


Figura 1

de subir ou descer em torno desta articulação, efectuando assim batimentos verticais. Atenuadores impedem que as pás fiquem ao dependuro quando o rotor está em repouso.

A pá toma assim em cada instante uma posição de equilíbrio resultante da acção combinada da força centrífuga (provocada pela rotação), das forças aerodinâmicas (em particular a sustentação) e forças de inércia (forças devidas à inércia da sua massa e opondo-se ao seu deslocamento em torno da articulação).

As articulações já não podem transmitir o binário de viragem, e, as uniões das pás já não estão submetidas a flexões, mas apenas a esforços centrífugos; em contrapartida, em cada rotação, cada pá se eleva do lado em que, na sua rotação, passa na zona de sustentação acrescida e se abaixa do lado oposto.

Este «bater» vertical das pás apresenta um outro interesse imediato. Como se efectua com uma grande frequência (uma oscilação por cada rotação), introduz uma velocidade vertical do ar que se associa à velocidade horizontal para modificar de uma forma periódica o ângulo segundo o qual o ar ataca a pá.

Sabe-se que, quanto maior é a incidência (ângulo de ataque do ar), maior é a sustentação.

Fàcilmente se verá que o «bater» vertical das pás tem como consequência diminuir a incidência, e por conseguinte, a sustentação da pá que avança. Assim o batimento tende a regularizar a sus-

tentação numa pá no decorrer da sua revolução, e portanto de diminuir as variações dos esforços que suporta sob as acções aerodinâmicas.

A acção benéfica da articulação de batimento levou a introduzir igualmente nas pás uma articulação de «arrastamento», cujo eixo, perpendicular à articulação de batimento, é portanto paralelo ao eixo de rotações. As pás são assim livres no seu plano de rotação, podendo avançar ou recuar em relação à sua teórica, sob a acção das forças que, variando periòdicamente em cada rotação, actuam sobre elas. No entanto torna-se indispensável associar amortecedores a estas articulações de arrastamento com a finalidade de limitar os deslocamentos das pás, principalmente no arranque e na paragem do rotor.

2. TRANSLACÇÃO

Após termos visto como se sustenta um helicóptero, qualquer que seja a sua velocidade de translacção, resta-nos examinar como pode adquirir e manter esta velocidade de translacção.

Ao rodar, o rotor desenvolve um impulso aerodinâmico cuja resultante é dirigida sensìvelmente segundo o seu eixo de rotação.

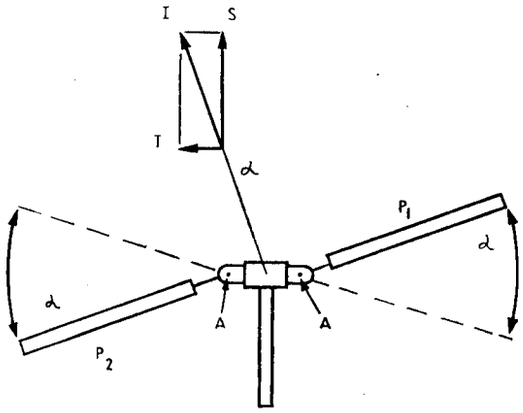


Figura 2

A grandeza deste impulso depende da velocidade de rotação, ao quadrado da qual é proporcional, e do valor da incidência média segundo a qual cada elemento de pá ataca o ar. Chama-se passo «colectivo» do rotor, por analogia com o passo de um parafuso ou de uma hélice, à grandeza deste impulso. Este impulso equilibra o peso do helicóptero. Se este impulso não for vertical, mas inclinado de molde a que a sua componente vertical continui a equilibrar o peso do helicóptero, introduz-se uma componente horizontal, T (fig. 2), que tenderá a deslocar horizontalmente o helicóptero no sentido em que ela se faz sentir. Desde que seja adquirido o equilíbrio entre este impulso e a tracção aerodinâmica do helicóptero, a velocidade deste será estável.

O processo para pôr um helicóptero em traslacção consiste pois em inclinar o rotor na direcção em que se quer efectuar esta translacção.

É fácil ver que, teòricamente, não há direcção privilegiada, e que um helicóptero pode deslocar-se do mesmo modo em qualquer sentido sobre o plano horizontal. Sendo assim poderia conceber-se um comando que inclinasse o eixo de rotação do cubo na direcção desejada. É o que se chama comando directo, que tem sido aplicado em aparelhos ligeiros e autogiros de alguns tipos. No entanto, introduzem-se assim esforços de manobra que só são suportáveis em aparelhos muito leves.

Preferiu-se antes um artifício que introduziu uma espécie de servo-motor aerodinâmico a que se chama «comando de variação cíclica do passo», ou, abreviadamente, «comando de passo cíclico», em oposição ao comando de variação colectiva do passo, ou comando de passo colectivo, cujo efeito é modificar o valor médio do passo das pás e de fazer variar assim o valor global do impulso do rotor. Com efeito, as pás articuladas em torno do seu eixo longitudinal de modo a poderem fazer variar o seu passo, e, por conseguinte, a sua incidência relativamente ao ar. Vimos já que elas são igualmente articuladas em torno do seu eixo de batimento. Portanto, se se aumenta num dado instante o passo de uma pá, a sua sustentação é acrescida, e a pá eleva-se em torno do seu eixo de batimento. Inversamente, se se diminui o passo, a pá baixará.

Como as pás estão equilibradas aerodinâmicamente em torno do seu eixo de variação de passo, a manobra de mudança de passo necessita de um esforço fraco, dado pela fricção produzida pelos apoios que recebem os esforços centrífugos ao darem-se estas variações.

Imaginemos que fazemos variar periòdicamente o passo no decurso de uma revolução do rotor, de maneira que a pá se eleva a uma certa quantidade quando passa num determinado sentido e se abaixa da mesma quantidade quando passa no sentido oposto (fig. 2). Tudo se passará como se o rotor estivesse inclinado do ângulo α, correspondente à elevação ou ao abaixamento da pá, e a impulsão, inclinada do ângulo α, introduz então uma componente T de translacção na direcção da pá que se abaixa.

Portanto, por uma variação cíclica comandada do passo do rotor, pode-se, sem esforço apreciável de manobra, inclinar ficticiamente o plano do rotor na direcção segundo a qual se procura uma translacção.

Bem entendido, que aos movimentos das pás, provocados pela variação cíclica comandada do passo, se sobrepõem, na translacção, os movimentos de batimento a que nos referimos.

(Continua no próximo número)

AGÊNCIA EDITORIAL

AUG. VALENTE, SUCR.ª

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E ARISTIDES QUILLET

R. DA FÁBRICA, 38-3.º-SALA 37

TELEF. 20785 · PORTO

Há já muitos anos que tomamos café

NO

ANCORA DE OURO

O significado da digressão a Angola

A digressão do Orfeão a Angola, representou para a maioria dos seus componentes, uma experiência nova em muitos aspectos, dos seus padrões de vida e dos seus conhecimentos. Para outros, a confirmação e a ampliação dessa mesma experiência.

Ela foi útil para todos, embora alguns aspectos possam ter desagradado. Creio mesmo que a função educativa da nossa viagem, e de qualquer digressão nestas condições, foi e é notável, pois obriga a uma convivência diária e longa, de temperamentos, e educações diferentes, com as suas múltiplas consequências. O espírito de sacrifício e de adaptação é posto à prova pela exigência dos espectáculos, das deslocações incómodas e das obrigações sociais. No entanto, a boa vontade de quase todos, provou à evidência que o Orfeão cumpriu o que dele se esperava e se exigia.

Por onde passamos, fomos bem recebidos, e ao partirmos deixamos saudades, mas, também, as levamos, pelo que temos a certeza, de que a digressão foi útil para nós e para a população das cidades que visitámos.

Da viagem por Angola, muitos factos chamaram a nossa atenção, mas, a impressão mais nítida que nos provocou foi a grandeza das dimensões, em muitos aspectos da vida. A densidade de população pelo contrário, é muito mais pequena em relação àquela a que estamos habituados. Tanto espaço para tão pouca gente!

Em Lisboa, momentos antes da partida. Os últimos a embarcar no paquete «Pátria» que nos levaria até ao Lobito

As cidades, com uma localização predominante à beira-mar, sofrem influências das condições naturais do terreno em que são edificadas.

O Lobito, com a sua bela restinga, é talvez a cidade mais interessante de Angola, causou em todos uma viva impressão de agrado. Do Lobito até Benguela estende-se a plantação de cana doce de Cassequel; representa o tipo de grande plantação.

Nova Lisboa, cidade no coração do planalto, e este representa dois terços do território, é moderna nas suas linhas, e os seus habitantes, tem um regionalismo muito acentuado. Silva Porto, mais pequena, poderemos compará-la a qualquer das nossas cidades de província é plana e geométrica.

Moçâmedes, é uma cidade do deserto, com um facto curioso. As árvores que ornamentam as ruas são oliveiras. Mas a personagem mais importante das redondezas é uma planta exótica, que pertence à era dos mamutes, e por qualquer razão estranha, sobreviveu aos espécimes da sua época. Refiro-me à «Welwitschia mirabilis».

Luanda, tem todos os atractivos duma cidade europeia, com uma avenida marginal de grande beleza, a sua ilha, praias, enfim todo o conforto e diversões duma grande cidade!

O clima, depende de dois factores primordiais: altitude e proximidade da corrente fria de Benguela. A meio do caminho entre Luanda e Benguela, para o Norte, o clima é quente e húmido, para o Sul, a corrente ameniza a temperatura e a diminuição da vegetação reduz sensìvelmente a humidade. Para o interior desta zona, ergue-se ràpidamente o planalto de altitude superior a 1.000 metros e se estende até 200 Kms do Índico. O clima é muito agradável e seco.

O aspecto cultural de Angola está em vias de modificações relevantes com a criação recente de institutos de investigação e de outros em franco progresso. O Orfeão visitou o Instituto de Patologia Veterinária, que embora seja considerado um dos melhores da África, despertou pouco interesse, até porque não temos estudantes de veterinária. Foi lamentável que os estudantes de medicina não podessem ter visitado o instituto de investigações médicas, pois teria tido interesse que tivessem conhecido os problemas fundamentais que orientam a investigação da medicina africana. Outro instituto que visitei, aliás, todos eles situados em Nova Lisboa, o de Agronomia, com laboratórios muito bem equipados, e pelas palavras dum membro do corpo de investigação, com possibilidades de realizar uma obra decisiva na agricultura de Angola.

Quanto à economia do território, os aspectos são múltiplos, e a riqueza do subsolo é enorme. Os diamantes, o petróleo e o ferro são já realidades, mas, perspectivas para o carvão de pedra, cobre, principalmente, para este último, são já muito positivas.

Na agricultura, o problema reside em três factores mais importantes: água, transportes para os produtos até aos centros de consumo e a colocação nos mercados desses mesmos produtos. Os principais são o café, açúcar, algodão, tabaco, etc.

Sobre as populações nativas foi difícil ficar com alguma ideia própria, porque apenas uma estadia mais prolongada poderia dar uma noção sobre este aspecto tão importante e custoso de apreender duma maneira profunda.

Mas mais importante que a parte turística e cultural, foi a possibilidade dum convívio mais estreito, do fortificar os laços de amizade entre nós, ensinando-nos simultâneamente que o interesse colectivo; no nosso caso identifica-se com o interesse do Orfeão; deve estar para além do interesse pessoal de cada um. Posso concluir que uma digressão, será sempre o meio mais eficaz e ao mesmo tempo o mais agrável, dentro do nosso organismo, de realizar o fim para que ele se destina. — Completar a formação moral, intelectual e social do universitário.

GIRÃO OSÓRIO

LOBITO E BENGUELA

AINDA muito cedo, já muitos orfeonistas se espalhavam pelos varandins dos decks do «Pátria». Era a manhã de 19, a manhã da chegada à cidade do Lobito. Os mais dorminhocos continuavam um sono que poucas horas teria talvez de duração — era hábito a rapaziada ir tarde para a cama. O Orfeão preparava-se pois para desembarcar definitivamente e começar a sua digressão em Angola. Após uma viagem inesquecível, começava-se a sentir o início de mais uma «Campanha» em terras de Africa.

Embora, como referi, fosse ainda bastante cedo, já muita gente, no cais, aguardava a chegada do Orfeão, gente que aí se manteve durante umas boas três horas, até, finalmente, poder contactar com os orfeonistas — isto porque o desembarque demorou bastante tempo.

Descida a escada do portaló, cumprimentos, abraços, manifestações de efusiva alegria — muitos colegas encontraram pessoas de família, outros amigos, a maioria começava naquele momento a conhecer parte da hospitaleira população de Lobito. Pouco tempo depois já a cidade apresentava o cunho inconfundível da presença da «malta» com o academismo e a alegria que lhe é peculiar. A maravilhosa sensação de se ser bem recebido, sem cerimónia mas de modo a nos sentirmos como em nossa casa, contribuiu grandemente para essa justificada euforia. Ficamos distribuídos por casas particulares; lembro-me que o número de orfeonistas não foi suficiente para satisfazer todos os que queriam ficar com algum de nós em casa...

À tarde foi-nos proporcionado um esplêndido passeio de barco pela baia; foi durante este passeio que o Orfeão se despediu da tripulação e passageiros do «Pátria», que partia rumo a Moçâmedes. Cabe aqui referir algumas palavras sobre a Restinga: é uma ponta de terra, verdadeiro jardim que, pelo maravilhoso combinado do belo com que a natureza a dotou com o requintado bom gosto que o homem lhe acrescentou, dá uma nota de surpreendente encanto ao turista que a visita.

Houve depois uma recepção oferecida pela madrinha em sua casa aos orfeonistas — todos temos presente a simpática figura da *«Sameirinho»*, do rápido convívio que nasceu entre ela e a «malta», uma madrinha que logo após o primeiro contacto entrou dentro do ambiente orfeónico e de quem guardamos as mais gratas recordações. À noite, o baile que a cidade nos dedicou; pouco depois do início assumia as habituais características das festas onde o Orfeão está presente: marchinhas, rodas, uma alegria que se comunicou a toda a gente. De vez, em quando, um «Filinto Elíseo» ou um «Gavião» — estava quente e a sêde era bastante!...

No dia seguinte partimos para Benguela; deste dia não há muito que recordar. O Orfeão apresentava-se à noite pela primeira vez. Pairava sobre nós a responsabilidade do primeiro espectáculo — felizmente a noite foi de êxito, a avaliar pela crítica dos que assistiram. Ainda nessa noite, regressamos ao Lobito onde nos iríamos apresentar no dia seguinte.

Pela manhã, visitamos o Rádio Clube e os jornais; o dia passou-se, alguns no Teatro, a maioria a passear e conviver com a gente da terra sempre pronta a nos proporcionar uma estadia agradável e um conhecimento da cidade o melhor possível. Lembro o incansável dr. Vilhena a todo o momento à nossa disposição para resolver as dificuldades ou possíveis problemas que surgissem. Sobre o espectáculo a crítica também nos foi largamente favorável.

Enfim, passado esse dia, aproximava-se a partida para Nova Lisboa. Se à chegada bastante gente nos aguardava, à partida esse número tinha aumentado consideràvelmente. O Orfeão tinha conquistado a simpatia do Lobito — a população viu, com saudade, afastar-se a carruagem que transportava os orfeonistas; nos nossos corações tinha ficado assinalada uma etapa inesquecível. Lobito afastava-se à medida que o monstro de ferro iniciava impassível a sua marcha. As manifestações de despedida surgiram espontâneamente e continuaram até que ao longe já começava a deixar de se distinguir os amigos que ficavam. Adeus, Lobito!

ISMAEL CAVACO

A madrinha do Orfeão em Benguela, onde se realizou o 1.º Sarau em Angola, coloca no estandarte do O. U. P. a fita comemorativa dessa noite inesquecível!

Organismos Circum-Escolares

por RUI SEQUEIRA

É missão da Universidade a formação de homens superiores, não exactamente técnicos altamente especializados, mas indivíduos que, a par da sua superior preparação intelectual, cultivaram o espírito na prática da fraternidade, da camaradagem criada por afinidades de gostos, tendências ou objectivos.

Quando a preparação dos técnicos é entregue, não a Institutos especializados, mas sim às Universidades, e estas desempenham cabalmente essa missão, correm o perigo de menosprezar o outro aspecto, fundamental, da sua existência e da justificação das suas prerrogativas. Isto, que não se desculpa quando a Universidade tem uma altamente desenvolvida eficiência técnica e científica, torna-se incompreensível quando, por razões que não interessa aqui focar, não pode ocupar plano de relevo nesse sector da actividade humana. Porque então, a camaradagem entre os seus elementos, professores e alunos, o estreitamento da sua fraternidade por laços que ultrapassem o reduzido campo das suas actividades normais, se torna a única razão das regalias que os governos devem conceder às Universidades, a fim de poderem cumprir, ao menos, com este aspecto da sua missão na sociedade.

Ocorrem-nos estas reflexões a propósito do papel que os Organismos Circum-Escolares devem desempenhar na vida da Universidade, e do lamentável desconhecimento das suas finalidades, manifestado, não só pelos estudantes, mas até por algumas entidades responsáveis. As Associações de Estudantes, onde a fraternidade entre os seus elementos se fomenta através da defesa dos interesses comuns aos estudantes e à Universidade; os Organismos (Orfeões, Teatros, Tunas, etc.), onde a mesma camaradagem se devenvolve, pela união no esforço do enobrecimento da Arte ou do Desporto; causas do mais nobre significado, incompreendidas, vilipendiadas até no seu indiscutível esforço em prol duma Universidade realmente capaz de bem desempenhar a sua missão.

Numa das mais notáveis peças de Brecht — «A Mãe Coragem» — fala-nos o poeta, a propósito do amor duma mãe pelo seu filho morto, «dessa terceira coisa que nos unia», e que não permitia que se separassem; porque, enquanto para os outros havia só «um e outro», entre eles havia a «terceira coisa» muito mais duradoira e que ficava mesmo quando um deles partia.

Este é o espírito que orienta os Organismos Circum-Escolares. Entre os estudantes, seja onde for, há sempre uma amizade, uma compreensão natural que resulta da generosidade natural dos corações moços. Mas entre os componentes dum Organismo há sempre uma terceira coisa, um ideal que os une muito mais fortemente que a simples convivência de aulas e trabalhos, e que perdurará pela vida fora, mesmo quando o elo da convivência directa se romper.

Aos organismos de universitários — por definição formados por indivíduos de preparação intelectual mais cuidada, desligados de submissões que normalmente embotam o desenvolvimento e o progresso — compete um papel importantíssimo na defesa dos sectores da Arte a que se dedicam. Não foi, porém, este aspecto que pretendemos realçar, mas sim o interesse insofismável de que a sua acção se reveste para a Universidade, e para a camada de jovens que a ela confiam a sua preparação intelectual. E é por considerarmos este aspecto duma importância enorme, que não compreendemos como, por vezes, são nomeados para Organismos que, legalmente, superintendem nas actividades circum-escolares, indivíduos que nunca temperaram as suas ideias no convívio dentro desses órgãos da Universidade.

Como será possível que, quem nunca contactou com os problemas, por vezes angustiantes, que os Organismos circum-escolares por vezes vivem, os possa condignamente representar? Em que género de compreensão podem os Organismos estribar a sua acção?

Ao tempo deixamos a resposta a estas perguntas.

Lê assina e colabora na

Revista ORFEÃO

O MERENGUE...

(PARA RIR...)

Julgue-o quem o puder experimentar...

É verdade meus amiguinhos, é uma coisa quente, doce, que até faz inveja às meninas da Primar! Se elas vissem mais pasteizinhos, deliciariam certamente, num ritmo precisamente pianíssimo a acompanhar esta canção harmónica e contagiante. Mas, notem também os bebedores de leite, que, a dança só vai de vento em popa, quando o «visque» entra atrevido e pertinaz até aos capilares mais longínquos do hipotálamo ou qualquer coisa parecida como as polpas dos dedos... Evidentemente que só na fase de excitação a coisa toma as proporções devidas porque, claro está, a depressão só arrasta indisposições de toda a gama. Por vezes, a gentileza excede-se, e o Marçal que o diga com o seu altruismo! Não é verdade, ó Cavaco? E tu aí, ó Lanhoso? Não te rias Tião... Ah! pois, pois, diz o «mai lindo».

Mas deixemos a bebida e passemos às suas consequências. Que maravilha de cenário! Ao fundo, o palco, bem marginado por cidadãos respeitáveis, com o sobrolho bem revirado e atento, num mastigar apetitoso e desejável de lagostas, gambas e não sei mais que mariscos... Risada franca e tantas vezes em surdina. O silêncio era curto como não podia deixar de ser. Alguém, quem havia de ser... o Lanhoso, aos berros, mas não se notava muito, a chamar-me para a primeira fila. Mas quê? — disse eu. Vá, senta-te e aguenta firme aqui com os velhinhos... Gostei! Quem é que não gosta de abancar, comer e beber, sem nunca deixar... de mirar. O quê? Aquilo, o cenário! Já estais a ver o que é. Lògicamente, o tal conjunto do merengue na minha tão acolhedora cidade de Nova Lisboa.

Elas, duas. Eles, os dois violas, e mais o catraio da bateria. E que mais? O que destas almas da selva, simples, tímidas, poderá brotar? É vê-los, na sua linguagem, na sua música. Num impulso se transformam estes corpos de cor! E rompe a música das suas mãos hábeis, ora fernética como as cataratas do rio, ou da luta dum tigre, ora prolongada e serena, como a magia da noite da mesma selva. As suas vozes, simples, diferentes, monossilábicas, são a linguagem de tudo que vem da natureza, da sua selva, do seu mundo, que se entrecruzam numa harmonia doce e longínqua. Os corpos deles, desde a cabeça aos pés, desenham no espaço figuras estranhas e curiosas, no mesmo ritmo com que dedilham as violas. A nossa atenção, porém, concentra-se na dança. Passos lentos, como que a caminhar às voltinhas, esta dança, só entra no verdadeiro apogeu da magia, quando os corpos dessas graciosas moças tomam no espaço aquela plástica que só aos orfeonistas presentes (bem pouco seriam os pa... cíficos que ficaram na caserna), é autorizado um critério de explicação. Por isso, disse no princípio: julgue-o quem o puder experimentar!

Meus amigos, contagiante, palpitante e inesquecivel! Foi só começar e tudo saiu da maneira que se sabe.

Bolas, seis da manhã, fase da depressão! Boa noite.

Ramirão

Antigos Orfeonistas em Angola

Apenas aqueles que um dia usaram uma capa e batina podem compreender a emoção que vimos em muitas caras durante a nossa última digressão por terras de Angola. Olhos pouco habituados a chorar não puderam conter as lágrimas que a saudade lhes fez brotar dos corações.

Lembramo-nos, por exemplo, do Manuel Carlos Vasconcelos, agora médico em Nova Lisboa e, há pouco ainda, nosso companheiro no Orfeão; do Manuel Vilhena, professor no liceu do Lobito; do Vasco Coutinho, professor no liceu de Sá da Bandeira; do Vítor Moura, do Reis Lima, do Caldeira, do Caspurro, da Teresa Tato Marinho, da Fanny Garcia, da Alice Pedro Gomes, e tantos outros que a memória não fixou.

Para estes, principalmente, a presença da caravana orfeónica representou bastante mais que a habitual manifestação de alegria e Arte. Para eles foi um pouco da sua juventude que passou pelos palcos e pelas ruas das respectivas cidades. A confraternização com os actuais orfeonistas levou-os a retroceder uns anos, àquele tempo em que também eles traziam sobre os ombros uma capa negra mais ou menos usada, em que também eles actuavam no Orfeão.

O sentimento com que sempre foi cantada «A Proposição» de os Lusíadas, a força com que, no fim, era dado o já tradicional abraço ao Maestro Afonso Valentim, enfim, tantos e tantos outros factos levaram-nos a confirmar que são duradoiros e fortes os laços que prendem ao nosso Orfeão todos aqueles que alguma vez aqui passaram.

Se fossemos convidados a apresentar contas da digressão e não tivessemos nada mais a nosso favor, bastaria a alegria que fomos dar a tantos antigos colegas para que o saldo positivo fosse enorme.

J. Lanhoso

Tipografia do Carmo

Dagoberto Luiz d'Abreu

Sucessor de JOSÉ LUIZ D'ABREU

33, Pr. Parada Leitão, 35 - PORTO - Telef. 26553

Destinos da Pintura

«Já não há paisagens, nem naturezas mortas, nem rostos. Há o quadro, o objecto, o quadro-objecto, o objecto quadro, o objecto útil, inútil, belo».

F. LÉGER (1925)

PINTAR é colocar cor sobre uma superfície. Não é imitar a realidade, nem criar uma ilusão óptica, nem descrever uma cena.

A pintura nasceu nas cavernas paleolíticas, há quarenta mil anos e estava ao serviço de necessidades mágico-religiosas. Os homens pintavam o corpo para propiciarem os seus deuses e faziam cerimónias em cavernas cujas paredes estavam decoradas de bisontes, a caça que procuravam, a garantia da sua subsistência.

Durante muito tempo, a religião proporcionou à pintura não só encomendas como também uma justificação, uma estética. Há períodos na história do homem que quase não teriam arte se não fossem as religiões. Estamo-nos a lembrar, por exemplo, do Egipto e da Idade Média Europeia. Mas também as obras máximas da escultura da inteligente Grécia e da racional Itália renascentista nasceram da religião.

Mas há também muita pintura que não teria existido se a fotografia a cores tivesse sido descoberta há mais tempo. Napoleão não teria encomendado a David a descrição da sua coroação, se em Paris em 1805 houvesse um fotógrafo. Hoje, quando alguém se casa, chama-se o fotógrafo e não o pintor.

E quem fala na «Sagração de Napoleão», fala também em milhares de retratos, grupos familiares, descrições de feitos militares, civis ou desportivos.

A pintura, neste caso, foi chamada por ser um processo técnico capaz de registar episódios susceptíveis de representação visual. Apesar desta origem modesta, há extraordinárias obras de arte que nasceram assim. Uma encomenda de retrato a Rembrandt era um pretexto para fazer uma obra de arte; no entanto, o cliente só lhe pedia que ficasse parecido. Rembrandt caiu no descrédito quando levou longe demais a sua criação. A burguesia de Amesterdão só queria ficar parecida — e favorecida. Desconfiava do que não percebia; e a burguesia nunca foi capaz de grandes voos.

Quantas vezes a pintura não tem sido solicitada por correntes filosóficas, por ideais patrióticos e até políticos?

Hoje, a pintura não serve nenhuma instituição, não substitui nenhum processo técnico. A pintura serve o homem, é-lhe totalmente destinada. Preenche a sua necessidade permanente de beleza.

No princípio deste século, esboçaram-se os primeiros movimentos de libertação: a pintura abandonou a literatura, a religião, o sentimento. Depois separou-se da arquitectura, da escultura. Procurava a sua pureza intrínseca. Depois vieram as outras artes: hoje toda a gente fala em música pura, cinema puro, poesia pura.

Talvez a pintura não esteja assim muito tempo.

Na história da arte não há progresso; há evolução, uma resposta sempre diferente às necessidades de cada homem.

Cada época tem exigências próprias e a arte é o seu único reflexo verdadeiro.

NUNO BARRETO

A Competente

UM NOME QUE DIZ TUDO

PARA TRANSACÇÕES DE PROPRIEDADES
E EMPRÉSTIMOS S/ AUTOMÓVEIS

RUA DE CEUTA, 11-1.º DTO. • TELEFONES 35026-35925-20911 • PORTO

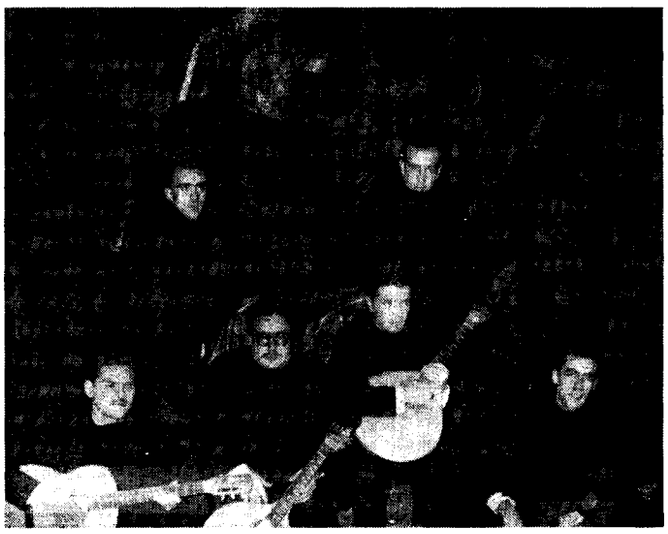
Dos mais castiços de todos...

por BEIRÃO REIS

«EU vou-lhes contar a história...» Não, não é a «História da Minha Vida», podem estar descansados! Pretendo apenas narrar-vos a odisseia do Conjunto de Fados por terras de Angola, as aventuras dum Conjunto de Fados que nasceu com a digressão ao Ultramar e com ela exalou o último suspiro; revelar-vos alguns aspectos cómicos, outros aventurosos que marcaram a nossa actividade e, ao mesmo tempo, deixar bem vincada esta ideia: toda a tarefa que desinteressadamente façamos a bem duma colectividade tem sempre a merecida recompensa: a noção, a consciência do dever cumprido!

Que resta hoje deste Conjunto de Fados? Simultâneamente pouco e muito. Algumas fotografias que o tempo inexorável amarelecerá, a rubrica «Fados e Guitarradas» impressa nos programas de *n-1* dos *n* espectáculos oferecidos aos Portugueses de Angola, notícias dos jornais... a recordação das impressões benevolentes ou francamente favoráveis de quantos nos escutaram, do embevecido agradecimento das moças a quem dedicamos Serenatas, o que, na realidade, não é muito; restam também as horas perdidas — perdidas? — em ensaios, as actuações em palco, as aventuras vividas em conjunto, as noites de estúrdia — e quantas elas foram!... — a forte amizade e camaradagem derivadas de todos estes factores que entre nós se estabeleceram e, acima de tudo, o sentimento comum de ter contribuído, à custa de algum sacrifício e de muita «carolice», para o prestígio do Orfeão: para nós, tudo isto representa muito, muito mesmo...

E sendo a humana memória susceptível de gradual e progressivo esquecimento, cumpre-me dar testemunho dos factos vividos para que, decorridos os anos, possamos rever, com a nitidez da realidade, tudo quanto directa ou indirectamente se relacionou com a nossa vida de «fadistas-boémios».



O grupo de Fados da O. U. P. que actuou durante a digressão a Angola, depois da sua última actuação, a bordo do paquete «Infante D. Henrique», posa para a posteridade aos pés do Infante Navegador

★

Antes de mais, quero apresentar-vos os «fadistas»: os «gargantas de aço» (e de aço bem temperado que aguentou, sem acusar o mínimo vestígio de ferrugem, as intempéries da digressão), Barros Leite e Rogério; os guitarras Tião e Rui — note-se que lhes chamei «guitarras» apenas porque cada um deles, por acaso, tinha uma guitarra!... — finalmente, os violas, Jaime Filho, eu e a «minha menina».

— Prazer em conhecê-los!

Os antecedentes da constituição deste Conjunto de Fados explicam-se ràpidamente.

Dos quatro instrumentistas do Conjunto de Fados então existente, três deles foram impedidos à última da hora de se deslocarem ao Ultramar, por motivos de ordem militar; fiquei eu sòzinho com a «minha menina», matutando a seguinte expressiva imagem: «O Conjunto de Fados, agora, parece mesmo um quadrúpede a quem cortaram três patas!» E como o animalzinho com três patas a menos não pode andar, pensavam ainda, com funda mágua: «Lá se foram os Fados por água abaixo... mesmo antes de embarcarmos!»

Mas uma ideia começou a germinar no meu espírito: «Desse por onde desse, os Fados não podiam faltar em Angola!» E razões de peso, havia-as em abundância! Os Fados sempre constituiram — e espero que nunca deixem de constituir — o número mais expressivo, direi melhor, mais representativo da nossa personalidade de «estudantes de capa e batina»! Encerram simultâneamente sentimentalismos, ideais da mocidade, anseios de amor, esperanças e desilusões, júbilo e mágua, uma certa dose de irresponsabilidade e audácia juvenis, enfim, uma «realidade sob o manto diáfano da poesia»... Não exagero ao afirmar que nos Fados o Orfeão encontra a sua melhor embaixada: sei-o por experiência própria!

Os Fados não podiam faltar em Angola! E eu contava, desde já, com a colaboração entusiasta de alguns colegas que pensavam como eu e para os quais as dificuldades não deixavam de ser um eficaz incentivo na execução da tarefa!

★

Embarcámos no «Pátria» a 7 de Agosto. Chegara a altura de pôr em prática as minhas intenções: constituir e ensaiar o melhor possível um Conjunto de Fados que suprisse a grave lacuna então existente.

Fui falar com o Tião que, sonolentamente recostado num maple, tecia considerações em volta do conhecido provérbio: «Nunca faças hoje o que podes deixar para amanhã».

— Tião, a malta tem de organizar de qualquer maneira um Conjunto de Fados, nem que seja só «para Angolano ver»! — E comecei a desenvolver uma «sólida argumentação» em defesa da minha ideia.

— Ai, ai, ai... — interrompeu logo o Tião. — Deixa-te de paleio «de chacha» que para nós é que é preciso disso!... Que necessitávamos de arranjar Fados sabia eu há muito tempo e já tinha pensado em falar contigo para tratar disso. Temos mas é que ensaiar umas coisas para que não nos corram do palco à batatada. E logo eu, que gosto tanto de correr!...

— Óptimo, pá, assim é que eu gosto de te ouvir discursar! — respondi-lhe, ao mesmo tempo que imaginava o Tião a fugir do palco sob uma chuva de hortaliça... — Encarrega-te de falar ao Rui que, por meu lado, convencerei o Jaime Filho. E quanto ao Rogério, não há problema. É «caloiro», tem que obedecer sem discutir!

— Ah, ah, ah, e se discute apanha-me cá uma «pantufada» que nunca mais é gente na vida! — E o Tião, encolhendo o braço, apalpou mal intencionadamente a dureza dos seus «biceps»...

Pronto! Estava constituído o novo Conjunto de Fados do Orfeão. Restava saber se ele seria capaz de apresentar algum fado sem causar arrepios na assistência...

★

Já ouvistes falar do «abominável homem das neves»? Decerto que sim! Mas duvido que façais alguma ideia concreta sobre o «abominável homem das nove»... Tende um pouco de paciência que a vossa curiosidade será brevemente satisfeita.

Começaram os ensaios. Todos os dias (ou quase todos, o que vem a dar ao mesmo), às nove horas da manhã, eu ia acordar o Tião. Dormia ele com ar beatífico e feliz, roncando harmoniosamente em ré maior — o nariz ressonava a solo e a boca fazia acompanhamento a contra-tempo!... — nem de longe sonhando que ia ser abruptamente despertado.

— Acorda, Tião, olha que já são nove horas! Acaba lá com essa «sinfonia» e anda ensaiar fados! — E «baldeava-o» com mais violência do que navio em plena tempestade.

(Continua na página seguinte)

Tião revirava-se na cama, abria o olho direito e, fitando-me lá do alto — ele dormia no «2.º andar» do beliche... — explodia:

— Irra, pá, isto são horas decentes de acordar um cristão que inda há pouco se deitou?! Tem juízo e vai mas é bugiar!...

— Tá bem, tá bem, eu vou bugiar mas só depois de ensaiarmos! — retorquia-lhe, não sem ter o cuidado de me afastar um pouco, não fosse o Tião reagir de maneira mais intempestiva.

— Paciência, não há outro remédio... — condescendia resignadamente, tirando um pé para fora do «ninho» e esfregando vigorosamente os olhos. E exasperava-se de novo: — Safa! Nove horas da madrugada!...Tu és mais abominável que... que o abominável homem das... aaaaahhhhh... aaaaahhhhh... (abria repetidas vezes a boca, cheio de sono).

— Pior que o abominável homem das nove... horas, não é? Ah, ah, ah, descansa que amanhã procurarei ser o «abominável homem das dez e meia»... — E achava montes de piada no olhar feroz com que o Tião me mimoseava (o Tião é que não achava piada nenhuma!). — Anda, ao menos agradece-me o facto de amanhã te deixar dormir mais uma horita e meia!...

Não agradeceu! Infeliz do Tião, que eu nunca deixei de ser, dia a dia, o «abominável homem das nove»...

★

A primeira manifestação da vitalidade e «arte» do Conjunto de Fados realizou-se no dia em que eu e o Tião fomos almoçar à primeira classe, a convite do Comandante. Não, não me estou «armando», podem crer! Eu explico: todos os dias, doze orfeonistas, convidados pelo Comandante, enchiam o tubo digestivo — metros de comprimento, notem bem! — com as escolhidas iguarias e finas bebidas da primeira classe; enfim, tiravam a barriguinha de misérias!... Perceberam agora?!

Saiu-nos na «sorte grande» o oficial que nesse dia fez as honras da nossa mesa: o Comissário de bordo. É um dos mais castiços elementos da oficialidade. Espírito jovem e aberto, bom conversador, não perde oportunidade de manifestar o seu fino sentido de humor e a sua permanente boa disposição. Sabe tratar com a juventude: procede como um camarada mais velho, mais experiente, a quem se deve consideração, estima e respeito, com quem se pode contar quer nas horas de trabalho sério, quer nas de estúrdia e folguedos. É dono de uma primorosa e abundante garrafeira — pelo menos era-o... antes de por lá passarmos... — e facto muito importante para nós, tinha gosto em provar aos amigos que dentro das garrafas não havia água! E... o Comissário considerava-nos seus amigos!...

Foi em ambiente de franca camaradagem e crescente alegria que decorreu o almoço — imaginem, até o Trigueiros me obrigou a tomar quatro pastilhas de «Micorene»!... Findo o banquete e a pedido dos comensais, o Tião cantou o «Hilário», acompanhado pela orquestra de bordo. Momento solene, calorosamente aplaudido pela assistência: a primeira exibição pública dos «artistas».

E com a louvável intenção de não maçar o Comissário, nós desistimos de conhecer o navio em pormenor — era costume, depois do «almoço na primeira», visitar minuciosamente todo o barco. Para quê?!... O Comissário conhecia-o já tão bem que nos podia contar como ele era!... Fomos, portanto, para o seu camarote fazer uma visita de inspecção à famosa garrafeira — intenção tão igualmente louvável. E, sem dúvida, inspecionámos mesmo tudo... Aí tomámos o lanche e, findo este, iniciamos o jantar. A ementa era das mais seleccionadas... Brandy, wisky, variados licores, Porto, Madeira, Dão... E para que o «alimento» não caisse mal, o Tião, eu e a «minha menina» fizemos uma ampla demonstração dos nossos dotes «fadistas», amenizando musicalmente todo aquele cerimonial em honra de Baco. O próprio Comandante se deleitou em ouvir-nos por alguns momentos!

Os resultados que, aliás, se não fizeram esperar, ficam expressivamente condensados na seguinte «equação química»:

Brandy + Wisky + Licores + Porto + Madeira + Dão + ... Fados + Guitarradas ——» Alegres Palhoças

Note-se que em momento algum esta «reacção» meteu água! Toda ela se processou em meio essencialmente alcoólico, CH_3CH_2OH para os eruditos, meio esse que gradualmente (dependeu muito da graduação...) se foi tornando «ácido» (isto é, caracterizado pela «azia»), originando um subproduto de reacção vulgarmente denominado «ressaca».

E era de tal natureza o «sentimento musical» que nos animou durante toda a tarde, que ainda no dia seguinte a boca nos sabia a «papel de música»...

(Continua no próximo número)

A UNIVERSITÁRIA E O DESPORTO

CADA vez mais se vai acentuando a necessidade de o desporto feminino se estender, abrangendo todas as raparigas, dando-lhes um complemento necessário ao trabalho intelectual em cujo campo avançam e ocupam posições.

Arrumem-se para um canto as velhas mentalidades poeirentas de meninas de casa, paradas, com pouco trabalho intelectual e nenhum exercício físico. Acabem-se com os preconceitos que prendiam e prendem ainda, a mulher a campos restritos e acanhados. Hoje, a mulher entra em todos os campos. É necessário dar-lhe também acesso ao campo desportivo, se não para atingir as culminâncias dos campeões pelo menos para que a saúde física robusteça a saúde moral. E em Portugal isso está muito longe de ser uma realidade. São os pais que não deixam, é a opinião pública que fala, são os outros que comentam, é o comodismo que é preciso quebrar — e eis a mulher portuguesa, a rapariga portuguesa afastada do Desporto, da Ginástica, da vida sã ao ar livre, da camaradagem que só o desporto trás; eis a rapariga portuguesa atada, mole, incapaz de olhar de frente a vida porque não está habituada a contar só com as suas possibilidades para vencer os obstáculos.

É necessário praticar desporto! É preciso a boa vontade de todas para elevar o nível Desportivo Nacional.

O tempo de treino não é perdido, é um verdadeiro descanso intelectual, um regularizador físico e psíquico, uma possibilidade de troca de relações entre mentalidades diferentes, sempre útil, sempre criadora; é uma escola de educação, de sacrifícios, de cooperação, de resolução, de entusiasmo, de lealdade. Enfim, um conjunto de virtudes naturais mas que servem de sólido fundamento a virtudes sobrenaturais e predispõem para se suportarem graves responsabilidades.

E vós, universitárias, que maior cultura e instrução adquiris, mais obrigação tendes de conhecer o Desporto, de o praticar. O nosso curso trás-nos responsabilidades hoje, e amanhã formadas elas aumentarão. Cada passo dado na Universidade representa mais estudo, mais trabalho, mais cansaço. Procurai no Desporto um escape para esses males. Bastam umas horas por semana para vos tornardes mais confiantes, mais equilibradas.

O Centro Desportivo Universitário, órgão responsável pela Educação Física das Universitárias espera a vossa colaboração. Trabalham nele e por ele pessoas com confiança, mas é preciso que todas colaborem também com a vossa presença e a vossa vontade.

Se o esforço compensar, se o trabalho até agora realizado não for em vão, mais se fará, muito mais se poderá fazer.

A equipa de basquetebol campeã metropolitana na passada temporada, tem desenvolvido uma actividade que honra e orgulha os seus dirigentes e atletas. A equipa de voleibol, recém-nascida, vai dando os seus primeiros passos com vista a fazer melhor, sempre melhor.

Também a ginástica tem merecido por parte da actual Direcção, especial atenção.

É enquanto sois jovens que deveis começar. Basta ter vontade, entusiasmo e quanto a ideias erradas — coração ao alto!

M.

Nova Lisboa — Sá da Bandeira

EM AUTOCARRO

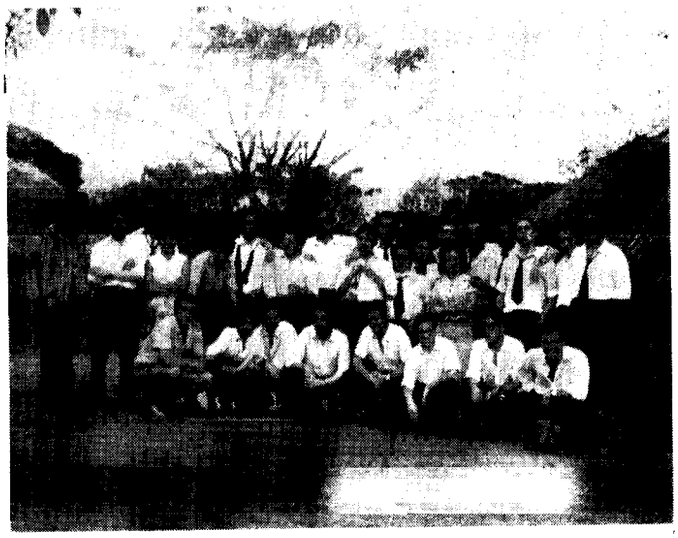
PARA quem, como nós, não conhecia nada da África selvagem, a viagem de Nova Lisboa a Sá da Bandeira em autocarro serviu, sem dúvida alguma, para que um pouco dessa formidável Angola desfilasse ante os nossos olhos maravilhados.

Saímos de Nova Lisboa, cerca das duas horas da tarde, psicològicamente preparados para aguentarmos uma viagem terrível: o caminho era longo e mau, a poeira abundante e o calor... de assar.

No entanto, com aquele espírito próprio da juventude, a caravana orfeónica partiu resolvida a não se deixar intimidar pelas terríveis perspectivas.

Os quilómetros foram-se passando sem que a animação diminuisse dentro dos autocarros. Para isso não contribuiu pouco a linda paisagem que nos cercava.

É claro que, para evitar que a poeira acabasse com o que restava das nossas batinas, cada qual tinha improvisado a sua «toilette». Alguns, muito invejados, ostentavam, orgulhosos da sua prudência, calções de caqui que lhes davam uma sensação de frescura. As colegas, essas, protegiam como podiam os seus brilhantes penteados; algumas houve que, em certo momento já não sabiam se o que sentiam no cabelo era laca ou... pó.



Um pequeno alto para descansar e visitar um povo indígena. Cinco minutos sem poeira!...

Claro, que todos fazíamos conjecturas acerca dos quilómetros que ainda faltavam, da hora a que chegaríamos a Sá da Bandeira, do modo como lá seríamos recebidos, enfim, das coisas que mais de perto nos interessavam no momento.

Cerca das nove horas da noite chegamos a Caconda, onde nos foi servido o jantar que, como de costume, decorreu animadíssimo, com as tradicionais trocas de «amabilidades» de grupo para grupo. Enfim, nós pensavamos que já estavamos a meio do caminho e nem sequer nos passava pela cabeça que o pior ainda estava por vir.

Logo à partida de Caconda tivemos um sinal que, por não termos sabido interpretar, não nos preocupou absolutamente nada: um dos autocarros teve um furo. Claro que é uma coisa corrente, que apenas aborrece um pouco. Mas nós estavamos em África, numa terra onde tudo é grande e, para confirmar esta ideia, só passado cerca de uma hora pudemos prosseguir viagem!

Nos primeiros quilómetros desta segunda etapa tivemos um pequeno episódio que serviu para mais uma vez se notar o optimismo e boa disposição da «malta»: dois colegas que tinham pessoas de família nos arredores de Caconda e que tinham aproveitado para as visitar, vieram de novo incorporar-se na caravana. O mais velho vinha radiante, mostrando com orgulho dois coelhos que, afirmavam, tinham sido mortos por ele. As piadas surgiram imediatamente de todos os lados até que ele desistiu de nos convencer dos seus méritos de caçador. Como podem imaginar, este episódio serviu para que mais alguns quilómetros fossem passados em ambiente alegre.

No entanto, foi precisamente a partir deste momento que «a coisa» se começou a complicar: um colega, de quem não cito o nome por amizade, lembrou-se de que, alguns anos antes, tinha feito aquela mesma viagem e que o trajecto que estavamos a seguir não lhe parecia o mesmo! A insistência foi de tal ordem que o pobre do condutor (que não estava muito certo acerca do caminho a seguir!!!), resolveu parar. Como de costume nestas ocasiões, apareceram logo vários «entendidos» que deram as hipóteses mais absurdas mas que conseguiram desorientar definitivamente o único que tinha algumas noções da direcção a tomar!

Enfim, para não alongar mais direi apenas que a «boa memória» do tal colega, apenas foi responsável, por que a nossa chegada a Sá da Bandeira se desse cerca das 12 horas da manhã seguinte! Imaginem em que condições estaríamos para o espectáculo dessa noite...

O outro autocarro teve também a sua odisseia mas conseguiu chegar cerca de duas horas antes.

Resta-me dizer que aqueles que vinham preparados para resistir ao calor (calções incluídos), terminaram a viagem embrulhados nas suas capas e a bater o dente com frio.

Felizmente que a gente de Sá da Bandeira nos recebeu com o coração nas mãos, com tanta gentileza e simpatia que a acidentada viagem não consegue nem sequer atenuar a nossa alegria por termos incluído a linda cidade na nossa digressão.

LANHOSO

Orfeonista usa o emblema do Orfeão Universitário do Porto

Uma noite em Sá da Bandeira

por BARROS LEITE

PARECE-ME que, para falar da estadia do Orfeão em Sá da Bandeira é preciso começar logo à saída de Nova Lisboa, quando a viagem não se afigurava senão mais uma viagem como as outras; quando ninguém sonhava, mesmo depois de ver como era a «estrada» e do «machimbombo» nos ter sacolejado mais do que se viajasse numa rua do Porto, que iria passar vinte e tal horas metido no seu bojo, perdida pela noite e pelo Rogério, e que em vez de chegarmos às dez ou onze da noite, haveríamos de pisar terra firme às onze... da manhã seguinte!...

Foi assim, sob o signo do azar que chegamos a Sá da Bandeira.

Como à noite havia espectáculo, a maior parte do pessoal meteu-se na cama a dormir, muito embora sonhando com autocarros aos pulos pelo meio do mato.

Ao outro dia de manhã não houve remédio senão partir para Moçâmedes e assim a nossa primeira estadia na capital da Huíla pode resumir-se dizendo que a «matula» lá chegar... chegou, mas não viu «nenhum» e não teve tempo de conquistar nada.

Felizmente voltamos, um tanto inesperadamente, pois em princípio o regresso a Luanda deveria ser feito de barco e não de avião. Mas... a Comissão Central põe e a «matula» dispõe... O certo é que tivemos de voltar porque o avião não podia aterrar em Moçâmedes. Em boa hora isso aconteceu, porque então houve tempo, senão para tudo, pelo menos para muito. Pudemos dar um salto à Tundavala ou ao Bimbe, a encher os olhos com a beleza ímpar que a natureza generosamente nos oferece e debruçarmo-nos, de cima daquela parede talhada a direito, sobre um outro mundo distante e parado que se estende mil metros mais abaixo.

E nessa noite, depois do baile «em família» na Senhora do Monte, houve ainda tempo para que meia dúzia de «castiços» provasse que o espírito orfeónico — tradicional, académico, sentimental — não morrerá nunca, muito embora às vezes não seja mais que uma chamazinha muito ténue, teimosamente mantida.

Lá estavam também o Caldeira e o Vasco Coutinho, uma diferença de muitos anos a separá-los, mas ambos orfeonistas dos autênticos que, lá longe, nunca esquecem nem deixam de amar o seu Orfeão. Essa noite foi, para eles, um reviver de tempos idos e a sua alegria era a nossa, a sua vitalidade era ainda a nossa, a vitalidade do próprio Orfeão.

Os «atiradores» alternaram com as canções e gritos do seu e do nosso tempo. E quando se cantaram fados e as lágrimas apareceram nos seus olhos (e nos nossos...), creio bem que, em cada um de nós, uma agulha invisível fez doer o peito, de pensar que, também um dia, a saudade nos há-de magoar a alma e que havemos de agradecer aos «efectivos» de então, como estes nos agradeceram a nós, os anos que roubaram ao tempo, naquelas horas em que voltaram a ser orfeonistas.

Eram cinco horas da manhã, quando, se resolveu «descer ao povoado» e mais precisamente à camarata, onde meia centena de vultos horizontalizados ressonavam com aquela beatitude de quem tem a consciência tranquila e o nariz tapado. Lògicamente, impunha-se acordá-los e a tripulação do avião, que havia de levar-nos a Luanda, e que, desde sempre, se mantivera connosco, associou-se a essa benemérita acção, com uma serenidade impressionante perante as amostras de requintado vocabulário que se fizera ouvir.

Os elementos da caravana orfeónica que em 1959 tomaram parte na digressão do Orfeão a Moçambique. Além dos orfeonistas, o Maestro e esposa e o Dr. Rebolho Lapa, representante do magnífico Reitor da U. P., que então como orfeonista se deslocou com o O. U. P.

Só uma hora depois se fez a serenata à Madrinha e não sei se os olhos fechados dos fadistas seriam tanto de sentimento como de sono.

Agora, à distância (distância de tempo e de espaço), é natural que a saudade já se tenha feito sentir entre os «boémios» dessa noite e que tenham pena que tudo isso, não seja já, senão parte dum passado bonito, mas que não volta. A verdade, porém, é que, são esses pedaços de passado que nos obrigam a uma eterna gratidão ao Orfeão pelo que de bom nos dá.

E quando tivermos de o deixar, a equilibrar o prato da balança, onde uma saudade muito grande e muito triste se avoluma com o passar do tempo, fica um mundo de recordações, que nos encherão a vida enquanto delas nos lembrarmos.

E alguém acredita que possamos esquecê-las?

Convivência + Amizade = Orfeão

AO escrever, pela primeira vez, para o ORFEÃO gostaria mais de falar de um caso realmente vivido, pessoal, humano, do que em qualquer coisa de cerebral, científico, embrulhada em fins especulativos e com conclusões eruditas.

Pensei, portanto, que nada mais natural seria que falar na nossa convivência amiga dentro do Orfeão, enfim, a vida vivida como orfeonista.

Poderá parecer estranho a nossa íntima afeição, a afeição que cada um dispensa a todos os outros; poderá causar admiração a liberdade com que muitas vezes nos tratamos e, sobretudo, o nosso ambiente de franca e sã camaradagem.

Mas só poderá haver estranheza ou espanto nos que nunca viveram as horas felizes e inesquecíveis duma viagem como orfeonista, onde, nem os caminhos diversos da origem, dos conceitos religiosos ou de credos políticos conseguem empalidecer com qualquer sombra passageira, esta grande família e indestrutível amizade.

Não posso escrever estas linhas sem pensar no que foi a viagem a Angola, no ano que há pouco findou.

Sempre que lembro os episódios mais simples ou situações mais delicadas, me asseguro que a nossa amizade é uma certeza imorredoura, quer venha dos rapazes, sempre camaradões, quer chegue das colegas sempre gentis e simpáticas.

Nesse grupo que visitou a África não apareceu um só caso de diferenciação que representasse um problema operoso, uma dificuldade a vencer.

As nossas colegas, foram as nossas irmãs, e, estou certo, que para elas nós fomos os seus irmãos.

Não houve sublevações ou barulhos tão frequentes entre irmãos e que muitas vezes enfraquecem as boas relações; não houve mais que gentilezas cultivadas no alto grau, simpatias trocadas em larga generosidade, provas inequívocas de franca e boa camaradagem, vivida em longas horas de permanente convívio sem sombras a escurecer o brilho exemplar de camaradas que desejam fortalecer os laços amigos que o tempo mais tornará firmes e que nada os fará enfraquecer.

Ao terminar estas palavras, não queria deixar passar a oportunidade de agradecer a todos aqueles que me proporcionaram tão belos momentos de felicidade. Às queridas amigas, segundas irmãs, que foram as minhas colegas e aos grandes amigos e eternos camaradas que foram os meus colegas eu peço desculpa pelas irreverências e faltas cometidas.

É assim, é isto a razão do nosso Orfeão e só o pode sentir quem por cá passou ou tem a felicidade de cá andar.

CARLOS GUEDES

Antigo Orfeonista inscreve-te como sócio contribuinte-auxiliar do Orfeão Universitário do Porto

CAFÉ UNIVERSIDADE

SERVIÇO DE CAFÉ: — Pequenos Almoços, Lanches, Batidos Nutritivos, dentro dos modernos moldes de «Alimentação Racional».

SERVIÇO DE B.A.R.: — Em cave própria («Casa das Máquinas»), recentemente remodelada.

Serviço de almoços e jantares, especializada em:
FRANGOS E COELHOS ASSADOS

GARRAFEIRA PRÓPRIA

Pr. Parada Leitão, 37 — PORTO — Telef. 25474

SÓCHAVES

Sebastião Carneiro & Ca., Lda.

ADORNOS PARA MÓVEIS — FERRAGENS
FERRAMENTAS — ARTIGOS DE CONSTRUÇÃO — ACERTAM-SE CHAVES
CONSERTAM-SE FECHADURAS

R. da Cancela Velha, 29 • Tel. 21061 • PORTO

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Que quebra nozes; 2 — Árvore da família das ulmáceas (inv.); casaquinho curto sem mangas (inv.); 3 — Estava de acordo; 4 — Repugnância (pl.); consisto em; 6 — Abreviatura de uma fábrica de produtos químicos mundialmente conhecida; piolho (inv.); 7 — Untar com gordura de peixe; 8 — Senhor (pl.); sobrenome de uma celebridade; 9 — Género de pássaro insectívoro a que pertence o rouxinol (pl.).

VERTICAIS: 1 — Plantio; 2 — Indivisível; cavalgadura; 3 — Diz-se de formações geológicas resultantes da demolição ou desagregação de rochas preexistentes feitas pelas águas (pl.); 4 — Cada uma das partes que foi dissociada por uma corrente eléctrica; letra do alfabeto grego; 6 — Nome de homem; placa de automóvel identificativa de uma nacionalidade; 7 — Fazei uma pequena cavidade na ferradura para se adaptar bem à pata; 8 — Símbolo químico da prata (inv.); nota de música; 9 — Censurais àsperamente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Cuca; sumo; 2 — Rogas; 3 — Mais; leda; 4 — Ara; ser; 6 — Oup; ota; 7 — Irar; suar. 8— Lidas. 9 — Atar; Caim.

VERTICAIS: 1 — Cama; Oiça; 2 — Artur; 3 — Cria; Pala; 4 — Aos; rir; 6 — Sal; sac; 7 — Uses; ousa; 8 — Delta; 9 — Orar; Aram.

SECÇÃO DE XADRÊS

Dirigida por NEVES FERNANDES

No próximo número, iniciaremos esta secção com a publicação de «Princípios básicos do Jogo do Xadrês».

Todas as sugestões sobre a orientação desta secção devem ser dirigidas a — Redacção da Revista ORFEÃO — secção de xadrês — Orfeão Universitário do Porto.

PELA UNIVERSIDADE

ORFEÃO cumprimenta o Ex.mo Sr. Prof. Dr. Alberto Brito pela sua recente nomeação para Subsecretário da Educação Nacional.

Certos de que sua Excelência continuará a prestar à nossa Universidade as atenções que sempre lhe tem merecido, enviamos-lhe os melhores votos de felicidades no desempenho de tão alto cargo.

*

Iniciaram já os seus trabalhos as várias Comissões encarregadas da realização da «Queima das Fitas de 1963». Aos colegas eleitos oferecemos a nossa colaboração e desejamos-lhes as maiores felicidades para que consigam que os tradicionais festejos atinjam brilho superior aos dos anos passados.

*

Recebemos um exemplar do jornal «O Centro», no qual se fazem agradáveis referências à nossa Revista. Gratos, agradecemos e retribuímos os votos.

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA • PAPELARIA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42 — PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os **Dicionários «EDITORA»**

Dicionário de Português — 4.ª edição — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionário de Francês-Português — por Olívio de Carvalho — 2.ª edição.

Dicionário de Português-Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — 2.ª edição — por J. M. Almoyna.

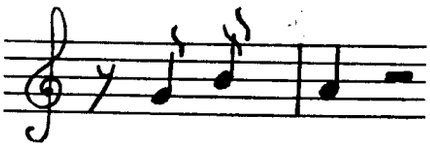
Dicionário de Português-Espanhol — por J. M. Almoyna.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernani Rosas.

DEPOSITÁRIA EM LISBOA: Empresa Literária Fluminense, Lda.

RUA DA CONCEIÇÃO, 125-1.º Esq.

Pausa



SORRINDO...

O guarda ao homem que embateu o seu carro com outro guiado por uma senhora:

— No seu lugar, pagava já. Afinal de contas o senhor tem apenas a sua palavra contra milhares de palavras dela!...

*

— Sabes arranjei um emprego no Sahara.

— No Deserto?

— Pois. Mas é bem pago.

— Tu és tolo! Então não sabes que clima é aquele? Não há água! Só areia!...

— E então? Não há problema!

— Sabes o que são 50 graus à sombra?

— Mas quem me manda ir para a sombra?!

★

Um veterano explica a um caloiro de Medicina:

— Aulas práticas são aulas que só teòricamente é que são práticas porque pràticamente são teóricas (diz um Professor).

São aulas teóricas ouvidas de pé (dizem alguns colegas).

São aulas a que tens de ir e isso é que interessa que percebas.

VIDA ORFEÓNICA

Será finalmente no próximo dia 13 de Fevereiro que o Orfeão mudará as suas instalações para o edifício da Faculdade de Letras.

A par duma enorme saudade pelo abandono da casa que albergou o Orfeão desde 1937, registamos a alegria por esta melhoria que, além de constituir um reconhecimento pelo muito que tem feito pela sua Universidade, será um estímulo para novos progressos do nosso Orfeão.

★

ORFEÃO felicita o colega Barros Leite pela sua gravação «Orféu» — Sag Warum, Duas guitarras, Exodus e Poema das mãos — e faz votos de que continui a registar êxitos como este na sua já notável carreira artística. Parabéns Raul!

★

O número 4 da Revista ORFEÃO, correspondente ao próximo mês de Março, será especialmente dedicado ao Aniversário do O.U.P. e às passadas Bodas de Ouro do Orfeão.

Aos colegas que pretendem colaborar nesse número e, em especial, aos antigos orfeonistas a quem solicitamos colaboração, pedimos o favor de entregarem os originais até 15 de Março p. f.

O Estrado...

Estava sentado à mesa dum «saloon» repleto de fumo, homens e suor, bebericando um «Haig's» quando um vulto me pediu licença para se sentar.

Assenti com um gesto vago. Quase imediatamente começou a contar-me a sua história. E falou, falou...

Agora era a vida do pai. Lidava com milhares se não com milhões. Bancos. Carros de Luxo. Velocidades. S. Remo. Casinos. Dallas. Milhões. Milhões...

Quase não o ouvia, ensimesmado em profundas especulações ontológicas. Preocupava-me o último acidente do meu Ser. Num hospital? Num banco de jardim? Num asilo? Daria esse tão decantado último suspiro só, esquecido, desprezado por todos?

Talvez porque tivesse deixado escapar alguma palavra, o meu companheiro de mesa diz-me com um ar de superior indiferença, pousando o meu copo:

— O amigo pergunta-me como morreu meu pai? Pois bem, eu conto-lhe. Foi numa cidade do Norte. Muito antes da hora marcada já a Central Square estava repleta de gente. Tinham sido atraídos simplesmente pelo nome do meu pai. Havia muitos anos que um tal acontecimento não se dava naquele Estado. Um imponente estrado de madeira erguia-se a meio da praça. De repente, silenciou-se o sussurro de toda aquela imensa multidão: tinha chegado o meu pai! Alto, de semblante grave, andar pausado, mãos atrás das costas. Talvez devido à comoção — era a primeira vez que participava num tal acontecimento — teve uma ligeira hesitação ao subir para o estrado. A entidade eclesiástica que ia a seu lado e um guarda — que acorreu pressurosamente — ajudaram-no. Recompôs-se e dignamente subiu à plataforma.

Mas então deu-se o inevitável! Foi terrível! A plataforma cedeu causando a morte a meu pai. Nem tempo para dar um grito teve!

... ...

Viu-o limpar, com as costas das mãos, uma lágrima furtiva. Condoir-me-ia também com uma morte tão abrupta se não fosse a invejosa lembrança de todo aquele público que a ela assistiu e que depois decerto a lamentou profundamente! Tê-la-ia desejado para mim próprio se não tivesse sabido mais tarde que o pai do meu companheiro de mesa de há dias, por ter sido o chefe duma perigosa quadrilha de homicidas e ladrões tinha sido condenado à morte por enforcamento!

R. G. LOPES

LAPSO

Por lapso o conto — Há cinco anos — publicado no número anterior saiu assinado por J. O. Sampaio Faria, quando deveria ser Lala S. Faria.

Ainda no mesmo número, a páginas 10 onde se lê — Ao *suar* das horas mortas deve ler-se: — Ao *soar* das horas mortas.

Aos nossos prezados colaboradores as nossas desculpas por estes enganos.

O que disseram os jornais...

«DIÁRIO DE LUANDA»

7 de Setembro de 1962

«O Orfeão Universitário do Porto trouxe a Luanda mocidade, expressiva categoria e beleza e a saudade aos que foram jovens orfeonistas»

Na verdade o O. U. P. transmitiu a todos nós um pouco mais do que o valor das suas interpretações. Realmente, poucos espectadores haveria na grande sala do «Restauração», que não tivessem um motivo especial para vibrar com a presença dos jovens estudantes: Um filho ou um irmão no palco. Recordações de épocas distantes. Ter sido orfeonista. Ter apenas estudado.

E na expressão de muitos dos que nos rodeavam, vimos a ternura, o interesse e emoção que só a capa e batina, símbolo de mocidade despreocupada e esperançosa, pode transmitir.

A chamada ao palco de antigos estudantes e orfeonistas, para cantar em conjunto a «Proposição» de «Os Lusíadas», fez colocar aos ombros de muitos dos presentes a velha capa que naqueles breves momentos os transportou a tempos passados, bons ou difíceis mas sempre saudosamente recordados.

★

«A VOZ DO BIÉ»

Silva Porto, 1 de Setembro de 1962

«Os capas negras irradiaram alegria e simpatia, deixando em todos os silvaportuenses uma profunda saudade...»

Foi um sarau que encantou todos aqueles que tiveram a dita de a ele assistir. A alegria esfusiante dos nossos futuros doutores, aliada à perfeição de execução dos variados números do programa, fez embalar a assistência que enchia completamente a casa de espectáculos, levando-a de encanto em encanto até chegar ao auge dum matar de saudades, em que pedaços daquele rincão que nos viu nascer, foram tão primorosamente relembrados pelos orfeonistas.

Foram horas agradáveis que esta embaixada estudantil da fina flor portuguesa nos proporcionou e jamais esquecerão.

★

«O LOBITO»

22 de Agosto de 1962

«Com o vasto salão do Cine-«Imperium» totalmente cheio, os estudantes universitários foram entusiàsticamente aplaudidos»

Do espectáculo pouco podemos dizer, porque muito teríamos que louvar e porque efectivamente, não conseguiríamos dizer o que mais nos agradou, o que mais distinguimos.

Foi um passar de encanto para encanto, levados pela magia daquelas vozes do mais puro ouro... destacar qualquer número seria tarefa ingrata porque qualquer dos que foram apresentados foi magistralmente interpretado».

Livraria Luso-Espanhola, L.da

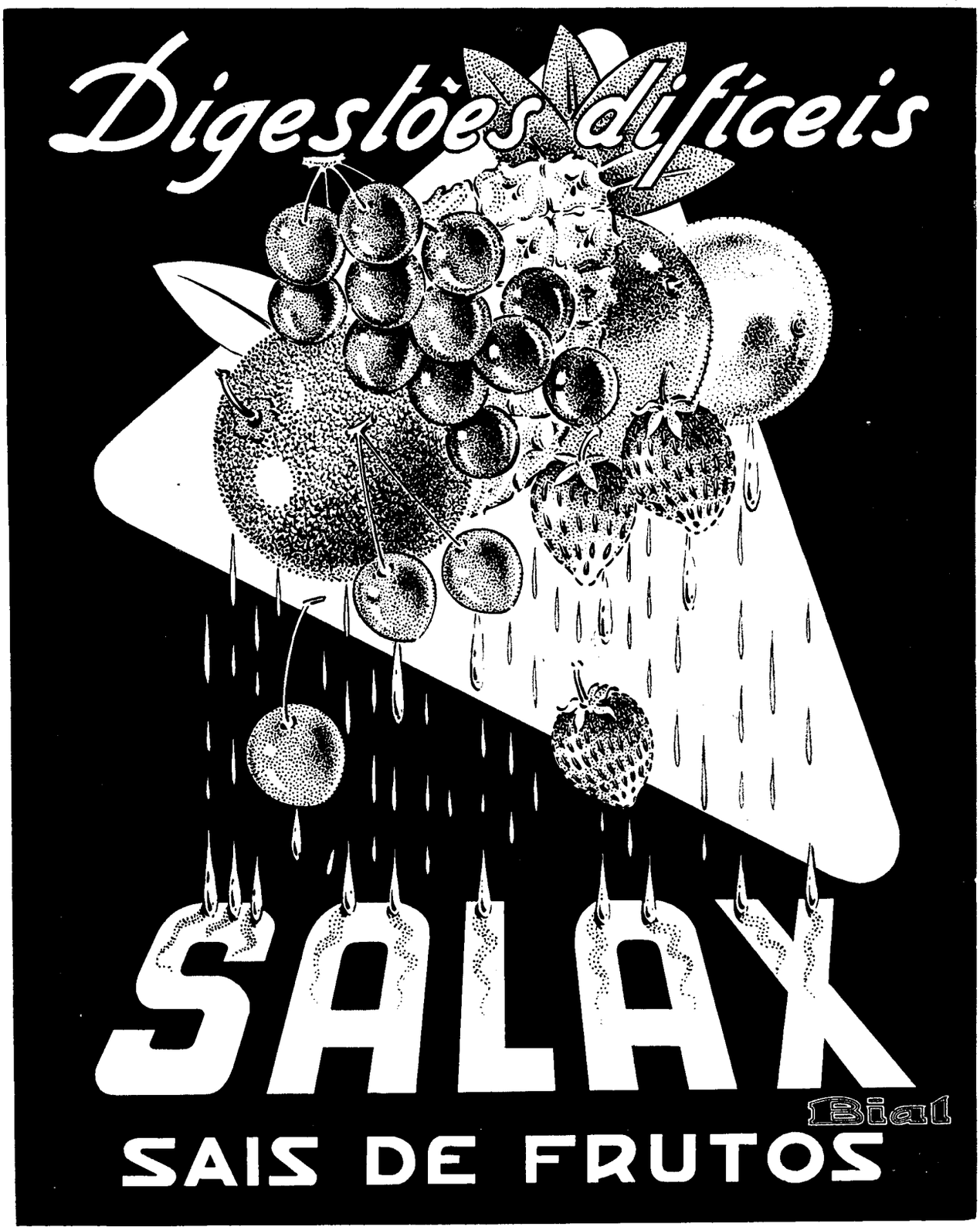
Filial no Porto

14 — Rua do Carmo — 14-A

Telef. 24076 • PORTO

LIVROS TÉCNICOS DE TODAS AS ORIGENS

VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTOS


Digestões difíceis
SALAX
Bial
SAIS DE FRUTOS